

# UMA ANÁLISE SOBRE O EMPREGO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NO LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO DA COLEÇÃO “SE LIGA NA LÍNGUA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LINGUAGEM” DO ENSINO FUNDAMENTAL II

## AN ANALYSIS ON THE USE OF LINGUISTIC VARIATION PRESENT IN THE 9TH GRADE TEXTBOOK OF THE COLLECTION “SE LIGA NA LÍNGUA: READING, TEXT AND LANGUAGE PRODUCTION” OF ELEMENTARY SCHOOL II

Gislany Iale Nunes da Silva 1  
Emmanuella Barros 2

**Resumo:** A Variação Linguística é um fenômeno que ocorre com a língua materna através de aspectos sociais, históricos, dentre outros, modificando as construções de enunciados. Dessa forma, neste estudo nos propusemos a analisar a abordagem da variação linguística do livro de Língua Portuguesa *Se liga na língua: Leitura, produção de texto e linguagem*, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018), com embasamento reflexivo dos autores Mollica, a qual discute a influência de fatores externos na língua (2008); Bortoni-Ricardo, aborda a variação linguística na sala de aula (2005). O objetivo deste estudo foi conceder ao leitor uma visão detalhada acerca da variação linguística no LD, utilizando uma abordagem qualitativa e uma pesquisa voltada para a vertente documental. A conclusão alcançada é a de que o livro didático analisado aborda o tema por meio de gêneros diversos, além de instruir o docente em como trabalhá-lo com outros recursos pedagógicos.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Livro Didático. Ensino Fundamental II.

**Abstract:** Linguistic Variation is a phenomenon that occurs with the mother tongue through social and historical aspects, among others, modifying the construction of utterances. Thus, in this study, we set out to analyze the approach to the linguistic variation of the Portuguese language book *Se liga na Língua: Reading, text production and language*, by the authors Wilton Ormundo and Cristiane Siniscalchi (2018), with a reflective basis by the authors Mollica, which discusses the influence of external factors on language (2008); Bortoni-Ricardo, addresses linguistic variation in the classroom (2005). The aim of this study was to provide the reader with a detailed view of linguistic variation in textbooks, using a qualitative approach and research focused on the documental aspect. The conclusion reached is that the analyzed textbook addresses the theme through different genres, in addition to instructing the teacher on how to work with it with other pedagogical resources.

**Keywords:** Linguistic Variation. Textbook. Elementary School II.

- 1 Licenciada em Letras, língua portuguesa e suas literaturas pela Universidade de Pernambuco-Campus Garanhuns (UPE), pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Educacional pela Universidade Cesumar-Garanhuns (UNICESUMAR). É professora na rede pública municipal de ensino Miguel Calado Borba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6514295190061164>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8495-7541?lang=pt>. E-mail: [gislanyjm2018@gmail.com](mailto:gislanyjm2018@gmail.com)
- 2 Professora Adjunta na Universidade de Pernambuco (UPE). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com período de Doutorado Sanduíche em Lyon (França) na Université Lumière Lyon 2. Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Pedagogia e em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4993497631882133>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5434-5723> E-mail: [emmanuella.barros@upe.br](mailto:emmanuella.barros@upe.br)

## Introdução

Há alguns anos vem surgindo novas preocupações acerca do material didático utilizado pelos professores. Isso porque há uma demanda maior pela procura de materiais que possam auxiliar o professor em sala de aula, sendo utilizado com frequência o livro didático. Esse, por sua vez, serve como apoio no processo de ensino, além de orientar o aprendizado dos alunos. Entretanto, é importante que o conteúdo, bem como a organização deste, sejam avaliados a fim de verificar e analisar a proporção em que determinadas propostas de ensino, em contextos específicos, estão inseridas no livro. Em se tratando da abordagem da variação linguística nos livros didáticos, avaliar e analisar os conteúdos e atividades que o livro traz é extremamente necessário para que se investigue se no material há o privilégio da norma padrão em detrimento das variações existentes na Língua Portuguesa.

Ainda por este caminho, cabe ressaltar que a forma como o livro didático (LD) aborda a variação linguística é tão importante quanto a forma como o professor irá adaptar este conteúdo em sala de aula. Em seu livro “Nada na língua é por acaso”, Bagno (2007, p. 37), um dos autores que discute a Variação Linguística no Livro Didático, afirma que não há sentido tratar a variação linguística como problema, como algo a ser solucionado em sala de aula.

Ainda nessa mesma linha de pensamento, Soares (2001) afirma que o ensino de língua portuguesa era fundamentado em levar o conhecimento ou reconhecimento aos alunos, as normas gramaticais de funcionamento da norma-padrão. Este fator exemplifica o modelo de ensino que já existe há muito tempo e que ainda pode estar presente em algumas escolas. Por isso, o presente estudo busca responder às seguintes questões: De que maneira e com qual frequência a variação linguística é tratada no livro didático de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental II?

Nesse contexto, a escolha deste tema se deu devido às questões levantadas acima, isto é, o descrédito da variação linguística dentro do ambiente escolar e, por vezes, a falta da abordagem do conteúdo por parte dos professores. Ademais, esta pesquisa surge como fruto da necessidade de estudos que englobem análises de livros didáticos, e especificamente que tragam no seu bojo a presença efetiva das diversidades linguísticas. Por esta razão, o livro didático é um excelente exemplar como fonte de estudo, uma vez que pesquisas com essa temática podem contribuir para que aprendizes possam expressar-se seja de forma oral ou escrita, sem que sejam desrespeitados por tal feito.

Assim, com base no exposto, o objetivo desta pesquisa é investigar a maneira como o conceito de variação linguística é abordado no livro didático do 9º ano de língua portuguesa do Ensino Fundamental II; categorizar as atividades sobre a variação linguística no ensino de língua portuguesa; investigar e proposta utilizada pelos autores do livro para produção das atividades acerca da variação linguística. A metodologia utilizada compreende uma pesquisa qualitativa a partir da análise documental. O referido estudo foi organizado em subcapítulos intitulados da seguinte forma: Metodologia; A Variação sob uma perspectiva Sociolinguística; A Variação Linguística e o Livro Didático na Sala de Aula; Análise dos dados; Análise do livro do 9º ano.

## Metodologia

A pesquisa realizada para construção desse estudo trata-se de uma abordagem qualitativa realizada por meio de uma análise documental, pois através dela é possível assimilar melhor o tema. A pesquisa buscou compreender a forma como a Variação Linguística é abordada no livro didático do 9º ano Se Liga na Língua, do ensino fundamental II da editora Moderna, utilizado por uma escola municipal em Angelim. A escolha dos Livros Didáticos de língua portuguesa se dá através de uma seleção feita pelos professores em comunhão com os coordenadores. Estes escolhem duas opções de livros, repassam para gestão da escola, que, por sua vez, encaminha para a Secretária de Educação. Outrossim, foram selecionados alguns critérios para análise e avaliação do LD:

Tipos de atividades propostas sobre variação linguística; como a Variação Linguística é proposta nas atividades; conteúdo abordado acerca da Variação Linguística.

1 Optamos por analisar essa turma porque geralmente é no 9º ano em que se verifica uma maior incidência de atividades sobre a variação linguística.

Segue abaixo a imagem do exemplar analisado:

**Figura 1.** Livro Didático de Língua Portuguesa



Fonte: Ormundo e Siniscalch (2018).<sup>2</sup>

## A Variação sob uma perspectiva Sociolinguística

É evidente que, devido à grande extensão territorial, o Brasil representa uma diversidade social, humana e histórica e, por isso, a Língua Portuguesa sofreu variações, modificações e adaptações pelos falantes dentro e fora do país. Estas modificações e adaptações foram sendo firmadas na sociedade, a qual se apropriou de novas maneiras de fala, e que com o passar dos anos passaram a ser traços reconhecidos por povos de regiões diferentes.

Quando falamos em Variação Linguística dentro do contexto escolar, fazemos menção a todos os avanços que a Sociolinguística proporcionou em relação às pesquisas sobre este tema no contexto escolar. A Sociolinguística, segundo Mollica (2010), é uma das subáreas da Linguística e ela realiza pesquisas com o objetivo de compreender como se dá a variação e seu uso nas diversas comunidades de fala. Como indivíduos sociais, nós somos múltiplos, e desta forma também acontece o processo da Variação Linguística onde, por fatores sociais, históricos e culturais, os falantes fazem o uso de palavras, expressões, e tonalidades vocais diferentes de região para região do Brasil. Dentro dos pontos de pesquisas propostos pela Sociolinguística está a investigação da variação com os aspectos linguísticos e sociais, ou seja, busca-se compreender qual é a formação deste processo de fala.

Sendo assim, é necessário observar que as adaptações geram variações e, por isso, estas devem ser tidas como elementos naturais da língua materna. Pois, uma vez que esta visão não é considerada, poder-se-á ocasionar o preconceito linguístico, o qual consiste em toda forma de discriminação dos falares de um indivíduo pertencente a uma determinada sociedade ou região. Podemos complementar ainda, concordando com a visão de Bagno (2007), ao dizer que o preconceito linguístico é, antes de tudo, a rejeição às variedades linguísticas de regiões e classe social específica. Essas variações na língua são ocasionadas, como citado anteriormente, pela formação histórica, o regionalismo, faixa etária, dentre outros.

Faraco (2002) diz que os grupos sociais se diferem entre si pela forma comum de se comunicarem. E esse uso comum o autor denomina de norma linguística. No âmbito escolar, tais grupos estão sujeitos a sofrerem preconceito linguístico ou serem excluídos, pois inúmeros alunos e também professores podem ser leigos ao tema e considerar que sua fala está “incorreta”. Isto é, por não ter tido contato com sua forma de falar dentro da escola, o aluno poderá crer que o ‘diferente’ é errado, já que na escola predomina-se o ensino da norma-padrão, uma vez que esta é imprescindível para que o estudante possa conviver em sociedade. Pois, apesar de existirem inúmeros dialetos, a norma-padrão deve ser ensinada nas escolas, tendo em vista que esta é uma instituição formal, porém, como forma de padronização da língua, e não de exclusão da diversidade.

<sup>2</sup> O livro foi concluído em 2018, porém para ser utilizado do ano de 2020 a 2023.

## A variação linguística e o livro didático na sala de aula

Existente em todas as regiões do Brasil e especialmente nas escolas, a Variação Linguística acarreta o interesse e configura-se em um campo de pesquisa para áreas diferentes da educação. Para a Sociolinguística, os estudos avançaram acerca dos fenômenos da língua materna, mesmo que estes não sejam reproduzidos com frequência pelos professores em sala de aula. Tal fenômeno impacta diretamente o ensino-aprendizagem. Busse (2015) afirma que:

[...] entende-se que uma investigação dos processos de formação de uma comunidade a partir da descrição dos fatores prementes nestes movimentos tem a linguagem como fio condutor e pode favorecer a constituição de um quadro de análise e descrição da língua e seus usos pelo grupo (BUSSE, 2015, p. 25)

Esta declaração enfatiza a necessidade de os professores investigarem e compreenderem a maneira como gera a Variação Linguística. Segundo Bagno (2000) e Castilho (1998), o ensino em sala de aula deve ser marcado pelo ensino de diversificadas Variedades Linguísticas, sendo possível, assim, que o aluno construa seu conhecimento próprio acerca da linguagem.

Diante de toda a heterogeneidade social, étnica e regional com a qual nos deparamos, que comparece no contexto escolar, também se atravessa na concepção da Variação. São diferentes realidades e situações que constroem e dão voz à multiplicidade de alunos que compõem o ambiente escolar, porque segundo Labov (1976), faz-se necessário estimular a consciência da identidade linguística. Já Bakhtin (1997), considera a linguagem como sendo um evento social, ideológico e histórico, isto é, ela é mais do que palavras que formam a oralidade e a escrita, ela constitui a representatividade e resistência ao longo de muitos anos.

Na sociedade e no ambiente escolar, é essencial entender e promover que o educando, pertencente à realidade tratada anteriormente ou não, entenda a importância da sua diversidade dentro de suas próprias práticas sociais, mas que compreenda também a função da norma-padrão. Compete ao docente proporcionar aos estudantes o conhecimento do uso e domínio de todas as variedades linguísticas. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 25):

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, ao exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas.

A variação linguística é bastante presente na língua materna e, devido a isso, é dever dos professores compreender a maneira como esta é manifestada dentro da sala de aula e nos livros didáticos, uma vez que em grupos interioranos pode haver a prevalência de dialetos característicos, e que normalmente não estão contidos no livro ou não são citados pelos docentes.

Endossando essa discussão, nortearmos o texto a partir do livro didático (LD) como um dos principais elementos para fomentar o conhecimento na cultura escolar. Para tanto, o livro didático surgiu na cultura escolar no final do século XV, quando sequer havia imprensa, no período em que livros eram destinados para a burguesia.

No entanto, até chegarem à sala de aula brasileira, os livros didáticos passaram por uma árdua trajetória que teve início em 1929, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), que visava à legitimação do livro didático e a contribuição na sua produção. Entretanto, essas ideias só saíram do papel em 1934, quando o Instituto iniciou a elaboração de dicionários nacionais e enciclopédias para aumentar o número de bibliotecas públicas. Três anos depois, em 1937, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), programa voltado para distribuição de obras didáticas para discentes de escolas públicas do país (EDITORA DO BRASIL, 2021).

O livro didático é um material de extrema necessidade para as práticas escolares, uma

vez que este é considerado um objeto cultural de suma relevância para educação no sentido de contribuir para formação do discente. Além disso, o LD é um dos meios de ensino e aprendizagem mais empregados em sala de aula. No entanto, é sabido que o livro didático é utilizado como apoio ao docente, logo, o material não substitui a participação efetiva do mesmo na explicação do conteúdo. O educador deve utilizar as instruções contidas no LD e a partir de então buscar explicar o conteúdo abordado no LD de forma acessível ao educando. Como afirma Lajolo (1996, p. 4) essas ferramentas de ensino visam direcionar “o que se ensina e como se ensina”.

Na obra “Livro didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso”, Bunzen (2005, p. 12) irá nos dizer que muitos trabalhos que têm como objeto de estudo o livro didático, colocam-no como substituto do professor, sugerindo que os mesmos não são autores de suas próprias aulas e que com a extinção desse material didático, haveria mudanças nas práticas de ensino. Ainda na obra de Bunzen (2005), a respeito do exposto, o autor cita Munakata (2003) na seguinte afirmação:

Proliferaram discursos conclamando os professores a abandonar essas ‘muletas’ em nome de uma educação mais ‘criativa’, ‘reflexiva’, ‘crítica’ – embora raramente essas palavras fossem objeto de elucidação. Inversamente os professores que adotassem o livro didático eram desqualificados como ‘coxos por formação’, como invectivou Ezequiel (MUNAKATA, 1998, p. 57 apud BUNZEM, 2005, p.12).

Partindo dessa concepção, é necessário enfatizar que o livro didático não deve ser tratado como substituto, e sim como apoio nas práticas docentes. Ademais, cabe ressaltar a importância da autonomia do docente em sala de aula, uma vez que o livro traz o conteúdo impresso e que sugere como o docente deverá dar seguimento ao assunto, mas em hipótese alguma o ensino deverá ocorrer somente entre livro e estudante, mas sim em conjunto, com mediação realizada pelo docente.

Ainda considerando a citação de Munakata, em relação aos termos “criativa”, “reflexiva”, “crítica” e “coxos por formação”<sup>3</sup>, cabe-nos ponderar que o uso do livro didático pelos docentes não representa um ensino monótono, que não leve o discente a refletir. Muito pelo contrário, este material pedagógico pode ser um grande aliado ao ensino dinâmico, uma vez que cabe ao docente adaptar o conteúdo da melhor forma para compreensão por parte dos estudantes. Quanto ao termo “coxos”, pode-se constatar que se refere ao professor como ser imperfeito por usar o LD como material de apoio. Esta crítica não deve ser válida, uma vez que dentre suas finalidades está a de auxiliar o docente no planejamento de aulas, sugerindo caminhos a serem traçados.

## **Análise dos dados**

### **Análise do livro do 9º ano**

Para dar início à análise do livro, foi observado que na introdução do mesmo, em diálogo com os professores, os autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi apresentam, por meio de estudos teóricos, as propostas que serão abordadas no livro, bem como suas percepções acerca dos conteúdos.

O livro didático, centrado na BNCC (2017), dá espaço a questões da cultura digital interligadas aos multiletramentos (ROJO, 2012; 2013), o que denota compreender o texto em sua pluralidade semiótica e cultural. Portanto, é notório que a cultura digital possui espaço significativo em parte do livro. Entretanto, o foco da pesquisa é observar o tratamento dado à variação linguística no LD. Sendo assim, após a introdução, há um espaço intitulado de “as práticas da linguagem e a organização da coleção”, no qual, em boa parte, o foco está centrado na leitura e interpretação de texto, gêneros textuais e produção textual. Neste mesmo espaço, é destinada uma área para tratar da análise linguística/semiótica, na qual é proposta pelos autores a exploração da diversidade e o

<sup>3</sup> Coxos é o plural de coxo. O mesmo que: imperfeitos, incompletos, mancos. Quem anda apoiando-se em uma das pernas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/coxos/> Acesso em: 30 nov. 2023.

estudo dos gêneros. Ademais, o gênero tratado corriqueiramente no livro funciona como forma de introduzir, a partir deste, novos conteúdos, inclusive a variação linguística.

Nos textos contidos nas atividades de leitura e análise linguística, os autores afirmam que estes foram escolhidos cuidadosamente e que privilegiaram:

as variedades urbanas de prestígio, considerando que cabe à escola oferecer ao aluno o convívio com as práticas de linguagem correntes nas situações sociais mais prestigiosas. Acreditamos ser um direito dos alunos ter acesso formal a elas para que possam acioná-las nas situações pertinentes e participar de maneira mais ampla e ativa das práticas sociais diversas (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 19).

Como já discutido anteriormente, a variação linguística deve ser abordada em sala de aula como forma de conscientizar os alunos acerca do preconceito linguístico e mostrar para os mesmos que a comunicação é norteada pelo contexto em que se está inserido.

O capítulo 1 do livro didático em questão, onde será discorrido sobre a variação linguística, é iniciado com o título “POEMA-PROTESTO: a voz em ação”, o qual está centrado na interpretação de texto por meio de poemas, o que, conseqüentemente, resulta também no estudo da métrica. Após as seções de 9 atividades destinadas para interpretação do poema, há um espaço intitulado de “refletindo sobre o texto” com uma questão especificamente focada na escrita e análise do poema.

Figura 2. Atividade de escrita



**7 DESAFIO DE ESCRITA** Agora, você vai produzir um parágrafo de análise do poema, relacionando seu conteúdo (**o que é dito**) com os recursos expressivos (**como é dito**). Siga o roteiro.

- Inicie identificando o texto, seu autor e a época em que foi produzido.
- Use o tema do texto para confirmar a identificação dessa época.
- Identifique o recurso usado nas primeiras estrofes do poema para associar sua linguagem a seu tema.
- Mencione e interprete a exclusão desse recurso.

#### Da observação para a teoria

Como os demais poemas, o **poema-protesto** também se caracteriza pelo trabalho consciente com a linguagem, observado na escolha e na organização especial das palavras. Os poetas dedicam-se à construção dos versos, trabalhando a musicalidade do texto e a construção das imagens.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

A atividade proposta é baseada no poema “Exp” que é caracterizado pela presença de abreviações na escrita, uma particularidade do meio digital. Esse fator nos faz refletir sobre a importância dada à modalidade escrita no livro. Uma vez que assim como há falares adequados e inadequados para certos ambientes, também há adequação da escrita. Pois, é sabido que esse tipo de escrita não está de acordo com as convenções ortográficas e, por exemplo, não é indicado para usar em vestibulares, concursos processos seletivos etc.

Figura 3. Poema Exp

*Exp*

mal vc abre os olhos  
e uma voz qq vem lhe dizer  
o q fazer o q comer  
como investir

todos querem se meter  
numa coisa q só  
a vc compete:  
viver a sua vida

deletar, destruir, detonar  
esses **atravessadores**

a vida é uma só  
e a única verdade  
é a sua experiência

não **terceirize** sua vida

viva viva  
viva  
essa é a sua vida

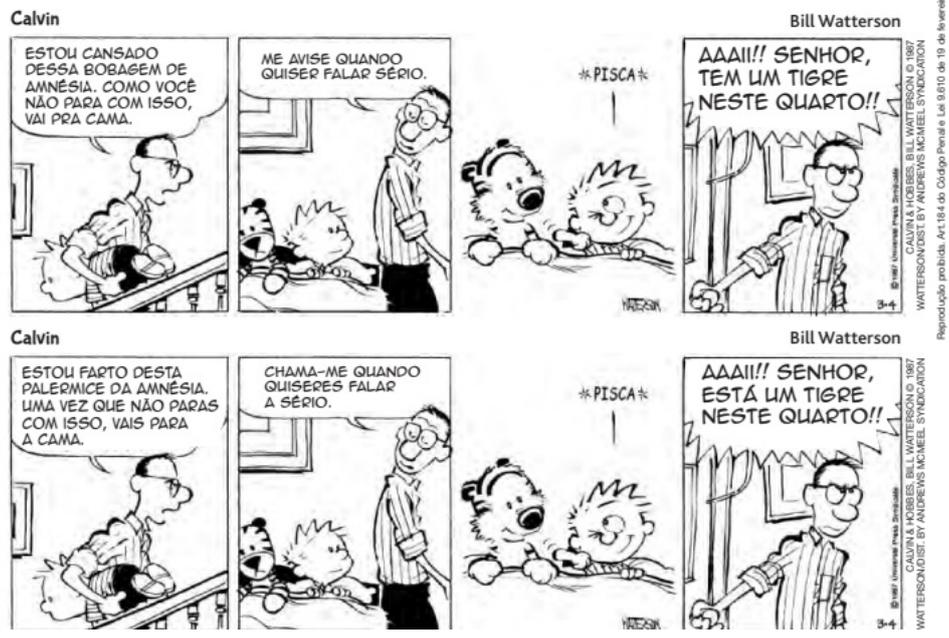


CHACAL. In: ADILSON MIGUEL (Org.). *Traçados diversos: uma antologia de poesia contemporânea*. Vários autores. São Paulo: Scipione, 2008. p. 150. (Escrita Contemporânea).

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Após algumas páginas destinadas aos aspectos da língua já mencionados, há na seção “Mais da língua”, assuntos como o português brasileiro, variedades linguísticas e colocação nominal. Em se tratando da diversidade da língua no LD, nos deparamos inicialmente com tirinhas do personagem Calvin, as quais foram escritas originalmente em inglês.

**Figura 4.** Tirinha do Calvin



**Fonte:** Ormundo e Siniscalchi (2018).

Na tirinha acima, é evidente que nos primeiros quadrinhos a língua utilizada é o português brasileiro, e ao lado nos deparamos com o português de Portugal. Mas, por que levar esta comparação das modalidades línguas para sala de aula? É imprescindível falar da variação linguística e não citar Portugal, visto que o mesmo foi o responsável por “descobrir” o Brasil, deixando marcas no nosso vocabulário. Cabe ao docente explicar as semelhanças e diferenças entre os usos da língua. No livro *Preconceito Linguístico: o que é, como faz*, Marcos Bagno (2007) cria um diálogo interessantíssimo acerca desse fato, nos dizendo que por vezes as disparidades entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que podemos ter dificuldade na compreensão:

no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia — no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros costumam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético (BAGNO, 2007, p. 24).

É importante que o docente trate dessas diferenças em ambos os vocabulários em sala de aula, para que o educando compreenda também de onde veio o português brasileiro, para entender as diferenças entre a nossa gramática e a do português de Portugal. Para melhor esclarecimento, vejamos o quadro abaixo:

**Quadro 1.** Português de Portugal e português do Brasil

Português de Portugal	Português do Brasil
1. Faz-me um favor?	Me faz um favor?
2. Estou a falar consigo	Estou falando com você
3. Dá-me um presente?	Me dá um presente?
4. Estou a preparar o almoço.	Estou preparando o almoço.

**Fonte:** A autora (2023).

Nota-se, a partir da exposição acima, que nos exemplos 1, 2 e 3 a diferença é sintática. No Brasil, coloca-se o pronome oblíquo no início da frase. Já no exemplo 4, frequentemente se usa gerúndio substituindo o infinitivo seguido de preposição. Segundo os autores do livro, é interessante abordar essas questões para que os estudantes saibam que a língua portuguesa varia e que “ela não é a mesma em Portugal, no Brasil e nos demais países em que é falada” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 31).

Para mais, a proposta dos autores do livro em questão é que os estudantes possam, através do gênero textual tirinha, e de acordo com a BNCC (2017, p. 85), compreender “a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”.

Posteriormente, o LD traz também um texto intitulado de “O português brasileiro”, copiado da carta que Pero Vaz de Caminha enviou à D. Manuel, de Portugal. Este será o primeiro momento que os alunos irão ter contato e examinar de forma mais atenta a formação da língua portuguesa. O texto possui uma linguagem completamente diferente do habitual em sala de aula, ou até mesmo no cotidiano, isto é, o português formal utilizado pelos portugueses ou em determinadas situações. No referido, há ainda um pouco mais a respeito da história da língua portuguesa brasileira, destacando as diferentes culturas contidas no país que resulta, conseqüentemente, em dialetos diversos.

**Figura 5.** Proposta de atividade

**3** Ao ler as duas traduções da tira é possível observar algumas diferenças entre a língua portuguesa usada no Brasil e aquela utilizada em Portugal.

- Na tradução portuguesa, que pessoa gramatical o pai de Calvin emprega para se referir ao filho? Cite um exemplo.
- Esse uso é comum no Brasil? Justifique.
- Compare a posição do pronome *me* em relação ao verbo no segundo quadro. Qual é o uso preferido pelos brasileiros em situações de interação oral? E pelos portugueses?
- Cite uma palavra da tradução portuguesa que não seja comum no português falado no Brasil. *O termo **palemica**, que significa “bobagem”.*

Como você percebeu, a língua portuguesa usada no Brasil difere daquela empregada em Portugal. Embora seja possível compreender o que está sendo dito na tirinha traduzida para os portugueses, notamos particularidades quanto ao vocabulário e às construções sintáticas. Caso estivéssemos ouvindo os personagens, também notaríamos diferenças na forma como as palavras são pronunciadas.

Tais particularidades estão relacionadas ao percurso da língua portuguesa nos dois países. *Aparar da os colonizadores portugueses foram trazido sua*

*3a. Ele usa a segunda pessoa do singular, como mostram as formas **não paras, vais, chama(-me) e quiseres**.*

*3b. Não. No Brasil, costuma-se usar **você** com mais frequência. **Tu** é empregado apenas em algumas regiões.*

*3c. Os brasileiros preferem colocar o pronome antes do verbo, e os portugueses, depois.*

Como ocorre com todas as línguas, a língua portuguesa varia. Ela não é a mesma em Portugal, no Brasil e nos demais

**Fonte:** Ormundo e Siniscalchi (2018).

Posteriormente a atividade, o LD traz também um texto intitulado de “O português brasileiro”, copiado da carta que Pero Vaz de Caminha enviou à D. Manuel, de Portugal. Este será o primeiro momento que os alunos irão ter contato e examinar de forma mais atenta a formação da língua portuguesa. O texto possui uma linguagem completamente diferente do habitual em sala de aula, ou até mesmo no cotidiano, isto é, o português formal utilizado pelos portugueses ou em determinadas situações. No referido, há ainda um pouco mais a respeito da história da língua portuguesa brasileira, destacando as diferentes culturas contidas no país que resulta, conseqüentemente, em dialetos diversos.

Considerando o termo “cultura”, que tem um espaço bastante significativo na etapa do livro destinada a variação, cabe aqui ressaltar que durante as aulas de língua portuguesa o professor certamente tem consciência de que, dentro deste espaço, as diferenças culturais são corriqueiramente presentes e que, por este motivo, o mesmo deve ter conhecimento de que o educando advém de um meio social e como tal sua linguagem é gerada nesse meio. Sendo assim, a

não aceitação dessas diferenças pode resultar em um preconceito social, ou, dentro desse contexto, preconceito linguístico. Daí, então, a relevância de abordar de maneira efetiva a variação linguística. Sobre esta discussão, Bagno, Sttubs e Gagné (2002, p.78-79) complementam que:

Este deveria ser, então, um grande foco de interesse da prática pedagógica e da pesquisa do professor de língua: o conhecimento cada vez mais detalhado da variação linguística e das conseqüências sociais dessa variação – conseqüências que nada têm a ver com supostos valores intrínsecos das diferentes variedades linguísticas, mas sim com fenômenos sociológicos que levaram à valorização e à atribuição de prestígio a determinadas formas linguísticas, as que compõem nas variedades das camadas sociais dominantes.

Na página seguinte, ainda no capítulo 1 e no mesmo texto, veremos um mapa indicando as regiões que também falam a língua portuguesa. Essas regiões formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que são tidas como Comunidade Lusófona. Além disso, trazer questões como essas no livro e em sala de aula, é uma forma de expor aos alunos a relevância que nossa língua tem, visto que, a LP é falada por nove países de quatro continentes diferentes. No entanto, embora nossa língua materna esteja presente em um imenso território, abarca uma região descontínua, fato este que além de causar diferenças na gramática, afeta também o vocabulário e pronúncia.

Por ser uma língua falada nessas muitas regiões, a fim de conservar a unidade linguística nos países lusófonos, foi criado o Novo Acordo Ortográfico, o qual uniformizou a grafia das palavras da língua portuguesa. Outrossim, devido a essa imensa constituição histórica, social e humana do país, nossa Língua Portuguesa modificou-se, sofreu variações e adaptações por seus falantes, tanto no Brasil quanto em outros países que falam nosso idioma. Com o passar do tempo, tais transformações e modificações foram firmando-se na sociedade, a qual apropriou novos falares que no decorrer dos anos tornaram-se marca registrada de determinadas regiões.

## Considerações Finais

A Variação Linguística é algo que está fortemente presente nas sociedades que compõem nosso país, sendo elas marcantes em determinadas regiões. Por esta razão, torna-se cada vez mais necessário que este tema seja abordado dentro da sala de aula para que o educando seja capacitado a viver em sociedade de forma efetiva, ou seja, que compreenda e saiba adequar seu vocabulário em situações específicas.

Desse modo, buscou-se, com este estudo, trazer para o leitor a relevância da Variação Linguística tanto para os discentes quanto para sociedade como um todo utilizando o Livro Didático como objeto de análise. Assim, foi possível chegar-se em algumas conclusões a respeito do espaço que é destinado nos livros para tratar da Variação Linguística, ao analisarmos a quantidade e, sobretudo, a qualidade das atividades sobre o tema aqui tratado.

O livro didático de LP do 9º ano, além de dar espaço para o tratamento de diversos aspectos da língua, traz um capítulo destinado somente à variação linguística. Apresenta atividades sobre o tema, as quais são abordadas dentro de gêneros textuais diferentes. Além disso, as atividades propostas neste LD são todas baseadas em exemplos atuais, como o meio digital.

Considerando que se objetivou investigar a maneira como o conceito de variação linguística é abordado no livro didático analisado, bem como analisar as atividades sobre variação linguística no mesmo, os objetivos foram alcançados através da pesquisa qualitativa, descrevendo e exemplificando algumas atividades e textos sobre a variação linguística, além de categorizar as atividades encontradas no exemplar.

Em síntese, complementamos que este estudo contribui para que o leitor possa ter ciência do que diz respeito à Variação Linguística, bem como conceitos fundamentais da Sociolinguística. No

mais, finalizamos com a argumentação de que no livro didático analisado, os exemplos e linguagem utilizadas são claros e objetivos, além de levarem o educando ao propósito fundamental: ser capaz de adequar sua fala em situações específicas ajudando os professores nas situações didáticas, na qual esse conhecimento é requerido.

## Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007a.

BAGNO, Marcos; STTUBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005. 264 p. ISBN 978-85-88456-33-4.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Base Nacional Comum Curricular.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Variação linguística, norma culta e ensino de língua materna**. In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus – coletânea de textos. Vol. I. São Paulo, SEE-SP/ Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1998.

FARACO, Carlos. Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. [1972]. Trad. de Marcos Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Recebido em 22 de maio de 2023.  
Aceito em 13 de junho de 2023.